CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E AUTORIA NO ESPAÇO DIGITAL: HORIZONTE DE PESQUISA

CONDITIONS OF PRODUCTION AND AUTHORSHIP IN DIGITAL WORLD: HORIZON SCANNING

Claudia Marinho Wanderley¹

Resumo: *Este trabalho é parte de um esforço de inserir um horizonte de pesquisa “não europeu”, e particularmente da perspectiva brasileira/periférica, na narrativa normativa eurocêntrica da utilização dos conceitos na Análise de Discurso. O espaço digital, visto como o contrapelo do discurso da globalização, nos [periféria] articula fortemente às condições de produção locais. Consideramos neste texto aspectos da questão da automatização e do espaço digital a partir das noções de condição de produção e de autoria de forma a propor e compartilhar um horizonte de questões de nosso interesse.*

Palavras-chave: *espaço digital, condições de produção, periferia digital, autoria.*

Abstract: *This article is part of an effort to include a non-european horizon of research, particularly from brazilian/periphery perspective, in the normative euro centric narrative of the use of the concepts in Discourse Analysis. Digital world, viewed as a counter mainstream discourse of globalization, articulate us [the periphery] to local conditions of production. In this text we consider some aspects of the automatization and some aspects of the digital world through the notions of condition of production and authorship in a way that proposes and shares a horizon of questions of our interest.*

Keywords: *digital world, conditions of production, digital periphery, authorship.*

¹ Pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas.

O espaço digital

A leitura hegemônica do espaço digital pode ser identificada como aquela utopia do virtual que a tudo abarca, contém toda a informação do planeta e é acessível a todos indistintamente. É a plenitude informacional (o intelectual do Sartre que lê a biblioteca de A a Z), e sem barreira linguística (um intelectual que também é telepata). É um discurso que promove uma sutura muito particular das nossas diferenças.

Considerar seriamente outras culturas de outros lugares, ou nossa cultura mesmo, e ainda assim suturar diferenças em nome de um território digital onde estas diferenças contraditoriamente terão seus lugares não é plausível. Entretanto o espaço digital surge na política internacional como substituto/sobreposto ao/ do espaço escolar além de se configurar como espaço de produção cultural e tecnológica coletiva, que dará ao mesmo tempo meios/modos de produção e acesso a esta produção de [digamos] conhecimento.

Além de todos os sujeitos diferentes que o discurso sobre este espaço parece agregar, existe mais um “outro” que surge no espaço digital: o outro no discurso do espaço digital não somos nós desta vez, não é o proletário, a mulher, nem mesmo o cidadão de terceiro mundo, é o computador, este sujeito social constantemente apagado. Este duplo apagamento do computador como sujeito social e das tecnologias como parte da estrutura social do espaço digital desenham o espaço digital e a sua periferia como a entendemos.

Neste sentido o autor [Aitios em grego], trazido aqui no sentido de responsável pela produção e disponibilização do conhecimento, é múltiplo. Não cabe a um sujeito particular a autoria neste sentido, mas

abrange os membros de uma comunidade profissional e são campos sociais que coordenam e mantém a solidariedade e coesão do grupo: são um tipo de conscience collective. Por outro lado, ordenam a maneira como o tema é percebido e categorizado, as maneiras como os problemas são resolvidos e, em geral, fornecem o quadro para o pensamento e a prática dentro da disciplina. (SHELDRAKE, p.364)

Basicamente nos referimos a grupos que estabelecem e partilham paradigmas (cf. Thomas Kuhn), e atribuímos neste texto a estes grupos esta responsabilidade: a autoria.

Retomando, nosso interesse neste texto é colocar algumas questões que nos ajudem a compreender que a infoestrutura não se determina da mesma forma em qualquer lugar. Ou seja, que o encontro entre a ciência da computação e o discurso pode ser multilinear. O método aqui é apontar para entradas possíveis para trabalhar por distintas superfícies do espaço digital e territorializar a relação do discurso com a ciência da computação. Em Wanderley (2010) destaco a necessidade de se pensar a questão das condições de produção no espaço digital. A questão específica que queremos desenvolver aqui versa sobre algumas das condições de representação do conhecimento em línguas portuguesas no digital da perspectiva do discurso, e alguns deslocamentos possíveis a partir daí. Para isso vamos recuperar que esta discussão se estabelece no meu trabalho, tendo o trabalho de Michel Pêcheux sobre a automatização da análise do discurso defendido em 1968 e publicado em 1969, “Analyse Automatique du Discours”, como ponto de partida.

O trabalho de Michel Pêcheux se inaugura com uma reflexão sobre a automatização do processo de análise. E isso não é banal, porque o tecnológico e o racional andam de braços dados nos anos 70, daí os algoritmos, a lógica, a inteligência artificial serem empreitadas que a Análise Automática do Discurso (Pêcheux, 69) não recusou. As consequências de olhar para a automatização e para o discurso, assim como para a automatização do discurso, são inúmeras. A diferença irresolúvel da contínua singularidade de produção de sentido em que a análise se estabelece é calculável. Mais do que isso, é calculável para além da sintaxe ou da filosofia da linguagem. Outra questão interessante é que essa lógica da AAD é transgredida pelo histórico geográfico, no Brasil por exemplo, uma vez que nossa infoestrutura aponta para outros modos de exploração da língua artificial, da língua natural e do “capital” simbólico e tecnológico em que estamos imersos.

Recapitulando entre a automatização e inteligência artificial

Consideramos a Inteligência Artificial como um esforço de compreender o funcionamento da inteligência e construir entidades inteligentes, ou seja, sistematizar e automatizar atividades intelectuais. Historicamente sabemos que a noção de inteligência é uma construção,

não isenta das relações de força e tradições das sociedades que a constituem e que a legitimam. Nesta perspectiva, o que é fundamental em uma época deixa de sê-lo em outra; e em diferentes comunidades diferentes tipos de habilidades mentais, e muitas vezes diferentes modos de interpretar o mesmo, serão necessários para permitir ao sujeito se relacionar com diferentes ordens do real.

Nesta profusão de percepções de mundo, para nosso trabalho aqui proposto, vamos considerar que é a prática da produção intelectual acadêmica que assume esta tarefa de teorizar e modelar a chamada “inteligência”, ou racionalidade, para o cidadão comum. E assim compreender e descrever funcionamentos “inteligentes”, que partem da matemática e da lógica, em direção a tudo que: a) possa ser sistematizado com algum rigor (desde que reconhecido pela instituição do Estado chamada universidade); e b) possa ser implementado em um computador dentro das possibilidades atuais.

A perspectiva é historicamente datada para a criação da noção de inteligência artificial, ou da racionalidade computacional, 1956, e os fundamentos para a linguística computacional surgem na mesma época, a partir da publicação de Chomsky *Syntactic Structures* em 1957 (cf. Russel & Norvig 2003, p.19). Aqui cabe citar a crítica de Slack (2004) a Chomsky em que ele mostra que na linguística Saussure estrutura as relações com o signo, ou seja aspectos fonológicos e morfológicos, e que Chomsky formaliza as relações da sintaxe. Na semântica e no discurso há muito trabalho a ser feito ainda. E nossa hipótese neste trabalho é que há uma formalização das relações de sentido (não necessariamente semântica no sentido estrito do termo utilizado pela Linguística) passível de conversa com as ciências da computação, e evidentemente com a lógica, na formalização proposta por Michel Pêcheux.

Se considerarmos a partir da perspectiva da Análise do Discurso, a constituição do que pode ser a linguística computacional (pensando aqui a linguística computacional como um dos sítios onde esta conversa pode acontecer) pode ser pensada diretamente como a constituição de linguagens lógicas, que servem de superfície de funcionamento para outras. Materialmente estamos falando de superfícies do que venho trabalhando sob a denominação de discurso eletrônico. Justamente este discurso eletrônico (digamos, um sistema operacional, um software) organiza a possibilidade de funcionamento do que alguns

chamariam línguas naturais no espaço digital (por exemplo: linux em português, ou open office em português) e eu continuaria esta língua natural “embarcada” no digital de discurso eletrônico. A diferença é que neste patamar do digital há uma busca do efeito da língua natural - no caso dos usuários e de padrões de acessibilidade - e uma busca de equacionar o próprio “sistema” da língua natural sobre superfícies das línguas chamadas artificiais, sobre superfícies de línguas lógicas - no caso dos desenvolvedores -, para chegar ao efeito metafórico de um modo histórico da compreensão e expressão matemática da função percebida como inteligência; ou para chegar ao efeito inteligente da expressão metafórica entre sujeitos sociais aqui compreendidos como um humano e um computador. Ambos de nossa perspectiva teórica apontam para a busca de um funcionamento linguístico historicamente estabilizado.

A Análise do Discurso promove um esforço reflexivo de compreender o objeto Discurso que se materializa na prática linguística, e como metodologia de análise abre um campo de investigação de entremeio que coloca questões para a História, a Psicanálise, a Linguística e a Matemática (como lugar de escrita formal de procedimentos discursivos) e a Computação (como lugar de implementação destes efeitos metafóricos da língua sobre a língua). No caso imediato da perspectiva da AD com a Semântica, que se relaciona mais especificamente com a questão da representação do conhecimento, Michel Pêcheux fala de “três tendências principais que se opõem, se combinam e se subordinam umas às outras de formas variáveis”: 1) a tendência formalista logicista, 2) a tendência histórica e a tendência do que segundo ele poderia ser chamado de 3) a ‘linguística da fala’ ou da enunciação, da ‘performance’, da ‘mensagem’... (PÊCHEUX, 1975, p.20)

É certo que ele trabalhou em diferentes combinações das três.

A Formalização e a Automatização na AD

Parte do funcionamento do raciocínio de leitura implicado na Análise do Discurso foi formalizado em algoritmos por Michel Pêcheux em sua tese de doutorado, chamada «Analyse Automatique du Discours», publicada em 1969. Sua descrição matemática do funcionamento discursivo foi transformada em um programa [aplicativo/software] chamado AAD69 (escrito em Fortran) e

posteriormente [outro aplicativo/software] Deredec (escrito em Lisp), que foi testado na universidade Paris VII, na década de 70 do século XX, por psicólogos, antropólogos, sociólogos, etc. em suas pesquisas. Estes pesquisadores na mesma época e na mesma universidade, também tinham à disposição o primeiro programa de análise estatística textual – é preciso aqui sublinhar a diferença entre estatística textual e análise do discurso. Pêcheux portanto inaugura um ramo da automatização linguística na França, tendo como colegas e concorrentes a perspectiva da automatização pela via da análise estatística textual.

Nesta proposta o sentido das palavras no discurso é explicado pela relação com outras palavras, inclusive as palavras que não são ditas. Esta inter-relação entre palavras é chamada de “metafórica” por Pêcheux, e seu efeito de sentido chamado de efeito metafórico. Segundo Helsloot & Hak, 2007:

He outlines a theory of meaning as an effect of metaphoric relations (of selection and substitution) which are specific for (the conditions of production of) an utterance or a text. This theory of meaning is the bedrock of his instrument for (automatic) discourse analysis.

Os algoritmos de Pêcheux portanto tem duas grandes vantagens: 1) eles não se relacionam diretamente a palavras, eles formalizam condições de produção de um sentido, formalizam funcionamentos discursivos, o que garante um espaço de rigor matemático por um lado, e por outro uma abordagem teórica consistente. E 2) a “máquina discursiva”, como a chama Denise Maldidier, 1990, é o que dá forma à aventura do discurso, e que investe fortemente na ciência da computação no sentido de formalizar ou viabilizar uma conversa de um filósofo com a matemática e com as ciências da computação, assim como com a perspectiva do trabalho técnico a partir de questões discursivas, justamente a partir deste espaço de entremeio que Pêcheux inaugura. Diz Maldidier:

Dans l’histoire des pratiques disciplinaires en France, l’irruption de l’analyse du discours a sans doute été, à la fin des années 1960, un événement : l’analyse du discours a proposé aux linguistes un mode d’approche du rapport entre la langue et l’histoire; elle a fait sortir les marxistes du discours spéculatif de la philosophie du langage. (MALDIDIER, 1990, p.107).

Nós consideramos seriamente o apagamento desta parte da reflexão da Análise do Discurso em língua portuguesa e na tradição francesa. Ainda pelos rastros, fibras e/ou fios da automatização trazemos evidências aos especialistas da ciência da computação, e das ciências da informação, sobre a pertinência da Análise do Discurso na automatização de relações de produção de sentido que, de uma perspectiva materialista, tocam a injunção dos sujeitos à interpretação e portanto o modo de se produzir sentido no mundo e fundamentalmente no mundo digital. Esta responsabilidade, esta autoria, nos diz respeito. A saída da filosofia da linguagem para um cálculo computacional de análise de dados é uma questão contemporânea, e é a partir dela que pensamos a língua portuguesa no espaço digital.

A língua portuguesa no espaço digital

Este mundo ao qual nos referimos evidentemente não poderia ser o mundo do hemisfério norte, mas o nosso terceiro mundo, onde falamos português do Brasil, utilizamos softwares abertos ou piratas e muitas vezes o fazemos em língua inglesa. Hoje temos oito países que têm a língua portuguesa como língua oficial, totalizando aproximadamente duzentos e setenta e dois milhões de falantes (272.000.000). Em relação à produção do conhecimento temos duas questões fundamentais, primeiro o posicionamento da Europa e dos EUA como espaços fundantes do saber, e segundo o baixo investimento destes oito países na produção e circulação intelectual na língua portuguesa, ou mesmo nas línguas nacionais no espaço digital. O reflexo disto no espaço digital é um pobreza de conteúdo e de opções de sistemas operacionais e softwares em nosso idioma [português], e um descaso quase absoluto com as línguas locais e sua inclusão no espaço digital. O que dizer então da formalização da produção de sentidos?

O que nos faz ainda perguntar: 1) como fazer funcionar a nosso favor a representação do conhecimento em língua portuguesa na área de Inteligência Artificial, e das nossas línguas locais que a colonização portuguesa tentou cancelar; e 2) como trabalhar em língua portuguesa no espaço digital sem estar sujeito todo o tempo à “re-incorporação” histórica no espaço digital do português do Brasil, e das diversas “línguas portuguesas” das outras pós-colônias, ao português de Portugal através

de um efeito pasteurizante – como infelizmente está sendo proposto hoje pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa². Como assegurar que nossas histórias, que já são outras se reflitam no espaço digital, território que nos organiza a todos? [mesmo que em muitos casos esta organização seja pela falta] Já que o espaço digital por sua natureza é dedicado à diversidade cultural e liberdade de expressão.

Memória das línguas

A partir da Análise do Discurso percebemos que há um pré-construído da presença da língua portuguesa, que encobre realidades multilingues e multiculturais. É um forte traço da política portuguesa encobrir o multiculturalismo e o multilinguismo com a superfície linguística da unidade do império e posteriormente esta perspectiva se mantém apoiada na ideia de unidade nacional. Como pós-colônias, tanto no caso do Brasil como de outros países que têm a língua portuguesa como língua oficial este traço se manteve. Em cada país que se torna independente do jugo português esse apagamento tomará um rumo próprio de assimilação e resistência. Este traço, até onde percebemos, não se desfaz com a independência do país. Ele se mantém nas pós-colônias, produzindo um silêncio sobre nossa realidade, e espaços de indizibilidade relativos às nossas identidades.

Voltando à nossa questão de fundo, as condições de produção que estão em jogo aqui para abordarmos o espaço digital apontam basicamente para nosso direito de produção e reprodução de sentidos no espaço digital na posição de pós-colônias, de países periféricos, de países emergentes, espaço de desigualdades e de diferenças. Pensando junto com Marx a socialização da força de trabalho reprodutiva, em consonância inclusive com um certo discurso feminista, como se configura esta força de trabalho [intelectual] – para nós particularmente – no espaço digital, em nosso idioma, e com conteúdo local? O desenvolvimento do conhecimento não ocorre à revelia das condições materiais em cada país, e esta delicadeza com a produção dos sentidos e sua representação

2 Infelizmente há uma iniciativa em andamento da CPLP que mostra o interesse na homogeneização da língua portuguesa no espaço digital. Além da problemática de refletir no digital uma demanda de editoras portuguesas que descobriram recentemente o mercado brasileiro, o encaminhamento desta homogeneização está em negociação com a indústria [microsoft] e não com as comunidades de software livre.

é necessária hoje se pensamos em de fato estabelecer uma rede de trabalho de pesquisa (e portanto de produção de conhecimento) no mundo digital em língua portuguesa. No teatro da resistência global, o trabalho pela liberdade de expressão, pela democratização do acesso ao conhecimento, pela valorização das línguas maternas e das culturas locais precisa também passar pelo digital. A necessidade de representação e reconhecimento destes valores humanos e desta riqueza linguística e cultural tanto nos territórios nacionais como no digital se interpõe à escalada de material pret-a-porter, e pret-a-traduire [prontos para serem traduzidos], materiais estes que em várias ocasiões dão um sentido todo próprio e cáustico ao termo “hipertexto”.

A utilização até os dias de hoje da lógica proposta por Gottlob Frege no espaço computacional e a crítica de Michel Pêcheux, ao desencontro entre um enunciado global e um assunto ou sujeito existente, como no exemplo “Celui qui a découvert la forme elliptique des orbites planétaires est mort dans la misère.” (PÊCHEUX, 1975, p.95) ou “Aquele que descobriu a forma elíptica das órbitas planetárias morreu na miséria”, nos mostra pontos de entrada. É importante realizar uma discussão entre os fundamentos das duas vertentes de inteligência artificial à luz da AD, ou seja de uma perspectiva materialista e discursiva da linguagem. É de nosso interesse portanto estabelecer uma discussão entre os textos fundadores da relação entre a ciência cognitiva e a ciência da computação: “The magic number seven” de George Miller, “Three Models of Language” de Noam Chomsky e “The logic theory machine” de Allen Newell. A questão da representação do conhecimento no espaço digital precisa desta reflexão. Trata-se de uma proposta que desenvolvo atualmente no Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, UNICAMP, aberta a colaborações.

Espaço digital e sua urbanização

Entretanto há outro aspecto do digital que funciona igualmente como condição de produção dos sentidos no espaço digital que é a infoestrutura em si. No caso de minha experiência de seis anos como administradora de rede preocupada com a questão do discurso de um Laboratório, a relação empírica com as máquinas, estruturas de redes, cabeamento, estabilidade de energia elétrica, velocidade de rede e inclusive velocidade de resposta da própria equipe [que faz a

interlocução de fato com o que é proposto digitalmente] dá uma noção do que é possível produzir e reproduzir [e também apagar, silenciar, cancelar] online. E aí é preciso reinscrever nosso sujeito que se posiciona no espaço digital para “falar”. Sujeito aqui pensado da perspectiva discursiva como efeito de sentido. Assim, para fazer esta reinscrição, sabemos que de acordo com Ferdinand de Saussure a língua é uma instituição social entre outras. Saussure diz:

les autres institutions humaines – les coutumes, les lois, etc – sont toutes fondées, à des degrés divers, sur les rapports naturels des choses ; il y a en elles une covenance nécessaire entre le moyens employés et les fins poursuivies... La langue, au contraire, n'est limité en rien dans le choix de ses moyens. (SAUSSURE, 1913, p. 110)

Apontamos aqui para duas ideias presentes neste trecho, que são fundamentais para a compreensão deste sujeito, afetado pelas condições de info-urbanização, para se dizer no espaço digital. O espaço e-urbano vai injungir sobre a linguagem no digital duas questões que Saussure já aponta: 1) ela não está limitada na escolha de seus meios, e 2) trata-se de uma instituição. Fosse esta citação um mero transplante de um território a outro, do físico ao digital, seria fácil operar este espelhamento. Entretanto as funções desta instituição chamada linguagem são variadas e não nos cabe neste trabalho desenvolvê-las. Mas a deriva é possível: uma instituição humana é capaz de jogar sobre si mesma, capaz de dobrar-se desdobrar-se sem limitação. O modo de produzir sentidos aqui está intimamente ligado ao modo de constituir o espaço.

Ora, se a linguagem portanto tem a ver com a prática social, então nós podemos compreendê-la melhor considerando padrões coletivos, e produções coletivas de sentidos. Um dos lugares mais interessantes para observar este modo coletivo de produção de sentidos é o espaço digital dos dados, ele está – lembramos – necessária e intimamente ligado a processos de urbanização mesmo, visto que sua existência implica minimamente na presença de energia elétrica estável, antenas satélite ou fibras ópticas, conexão a uma rede estável, possivelmente uma casa de alvenaria para abrigar os computadores/outras mídias, pessoas alfabetizadas ou seja: escola, técnicos capazes de fazer a manutenção deste espaço, ou em outras palavras cursos profissionalizantes, etc. De

fato toda uma infra estrutura urbana, aliada ao que eu chamo de info-estrutura-urbana, que a meu ver é um dos aspectos do que podemos chamar de e-urbano. Uma ordem material do e-urbano, portanto, são as variáveis estruturantes de um espaço urbano que permitem o acesso básico real aos dados disponíveis em rede.

Ora, aqui é necessário fazer um breve parêntese sobre nosso modo disciplinado de conceber o acesso aos dados, a produção de informação, ou a produção de conhecimento no espaço digital. Quando pensamos no desenvolvimento da inteligência artificial, percebemos que as tentativas da lógica clássica para alcançar ou propor métodos para a racionalidade humana não dispõem de elementos que dão conta do paradigma da produção de sentidos em rede, ou para dar outro exemplo não dispõem de elementos que considerem a materialidade da linguagem na lógica, ou mesmo que considerem o aspecto coletivo da produção de um valor cultural e de sua formulação. Outra pista que temos é que o que era considerado conhecimento era veiculado em mídia escrita, monopólio da elite. Nas práticas e formulações da cibernética este modelo de “semântica”, esta perspectiva lógica nos soa falha, simplesmente porque ele deixa de fora o nosso assunto mesmo: a produção coletiva de conhecimento, a participação do sujeito na construção do instrumento eletrônico, o jogo entre leitor e escritor/usuário e gerador de dados, a historicidade dos sentidos, a materialidade da língua, o papel da instituição da língua materna, o papel da instituição das línguas oficiais, nacionais, etc. Para tal, provavelmente seja necessário invocar a lógica paraconsistente de Newton da Costa, mas já me adianto demais no texto...

Retomando a abordagem da AD, uma grande vantagem que temos em trabalhar as condições de produção/reprodução de sentidos espaço digital é que essa noção leva em consideração o que joga sobre o espaço digital e ao mesmo tempo a impossibilidade do real. Ao meu ver a única possibilidade que um país de terceiro mundo tem para abordar as questões tão atuais é pela via da compreensão do que seja este espaço urbano que nos condiciona. O jogo heurístico entre dizer, analisar, formular, operacionalizar conceitos é fundamental para esta reflexão que propõe objetos, sujeitos, espaços, discursos eletrônicos. Assim, é importante des-adaptar, deslocar nosso olhar sobre tecnologia e seus instrumentos e trazer visibilidade a outras possíveis formas de

lidar com linguagem, conhecimento, tecnologia, etc. Eu acompanho a prática desenvolvida por Michel Pêcheux de batimento heurístico entre a produção tecnológica e a reflexão para promover um tipo de deslocamento epistemológico de alguns princípios relativamente estáveis e talvez ainda por demais genéricos quando tratamos de linguagem, de urbano e de cibernética por exemplo. Este tipo de problematização nos permitiria uma abordagem crítica das condições de produção dos nossos instrumentos pret-a-porter, das condições de trabalho em rede, e nos permitiria igualmente compreender novas possibilidades de interação com a tecnologia, produção de conhecimento, valorização cultural, acesso a informações e linguagens. Na diferença do modo de produção reside a possibilidade de compreensão do discurso digital. E as condições para isto são atualmente meu principal objeto de interesse.

Mais le meme discours est saisi par le sociologue comme une partie du mecanisme en fonctionnement, c'est-a-dire comme appartenant a un systeme de normes ni purement individuelles, ni globalement universelles, mais relevant d'une ideologie politique, et donc correspondant a une certaine place à l'interieur d'une formation sociale donnee. (PÊCHEUX, 69).

A autoria neste horizonte

Quando pensamos em uma tecnologia que ocupa [ou corresponde a] um certo lugar no interior de uma dada formação social, e o trabalho em rede vem inserido nesta formação social, a melhor noção de autoria em um trabalho de reflexão é a de responsabilidade. A divisão internacional do trabalho intelectual, assim como a velha pergunta brutal “quem paga esta conta?”, nos ajudam a visualizar este horizonte. É um trabalho de responsabilidade coletiva, são grupos acadêmicos, empresas que vendem computadores, softwares, grupos de militância de software livre, políticas públicas nacionais e recomendações internacionais de democratização do acesso a rede.

Nossa responsabilidade neste texto horizontal é perguntar: por que temos acesso a apenas parte da reflexão desenvolvida na AD em língua portuguesa? Quão caro é trabalhar com a automatização em português do Brasil? Até onde nos interessa sair da zona de conforto e produzir nosso próprio conteúdo online em língua portuguesa? É importante

instalar em seu país um modo de trabalho coletivo de forma a contemplar a realidade acadêmica, linguística e computacional local?

Agradecimento aos colegas

Estas questões fazem outro sentido quando há uma escuta de dentro do próprio grupo que pensa Análise do Discurso no país. E é dentro deste escopo que agradeço a Solange Mittmann, Maria Cristina Leandro Ferreira (Kitty), Freda Indursky, ao grupo interessado em AD na UFRGS e ao presente leitor. A prática de falar na rede pode ser pensada na relação com a prática de escutar na rede, ou no contraponto da prática de cancelar o acesso à rede. Muitas vezes uma fala, ou uma língua, se sobressai ao cancelar outras e não necessariamente porque se destaca como representativa de um coletivo.

A Análise de Discurso, entendida como pesquisa de entremeio de uma perspectiva materialista, pode perder com uma pretensa disciplinarização [no sentido de uma certa rigidez] dentro da área da linguística, na medida em que se insere em um quadro institucional e paradigmático que a contempla parcialmente, e em alguns casos pode desarticular o cavalo de tróia para as ciências humanas – que ela é, ou que ela pode ser. A institucionalização e a disciplinarização da análise do discurso e dos analistas do discurso permite a consolidação positiva de um corpo de pesquisas nesta região, e também permite este risco.

Trazer à baila aqui a questão da automatização abre/retoma a conversa da análise do discurso com as ciências exatas e da informação, e igualmente com as ciências humanas por outra via. Como esta via se delineia? Os computadores tomarão conta das interpretações e das leituras que fazemos? As máquinas terão senso estético para diferenciar gêneros? Inteligência artificial responde bem em uma análise do discurso de um texto? Como compreender um texto dentro das possibilidades da análise automática do discurso? Sabemos que a análise automática de textos passa por questões como estas em seu desenvolvimento na França, na antiga União Soviética e atual Federação Russa, nos Estados Unidos da América, no Canadá, no Brasil... e há várias outras questões e inquietudes. As respostas são muito variadas nas diferentes tradições acadêmicas. Os processos de automatização – como toda prática de produção de conhecimento – tem seu perfil, seus limites e seus pontos

altos. A melhor parte, creio, está na relação com o que o investimento na leitura automática e na análise automática podem nos dizer a respeito de um discurso. Embora possa parecer óbvio, uma máquina lê um texto de forma distinta de um humano, e na medida em que trabalhamos uma leitura junto com a máquina (ou em que trabalhamos para que a máquina seja capaz de ler um texto conosco), essa parceria nos permite perceber traços discursivos que a “olho nú” seriam impossíveis de distinguir; uso com frequência a metáfora de um telescópio ou de um microscópio: eles aumentam a abrangência do que é possível conhecer a respeito de um objeto. Ainda dentro do espírito da metáfora de Johannes Kepler³, utilizada por Pêcheux, não é que um não prescindia do outro, porque já vimos que historicamente é possível fazer tal cisão, embora percebamos que estão relacionados. Estes elementos que se referem mutuamente, trazem um desafio intelectual caro à Análise do Discurso e o que proponho é colocar a questão de volta [ou de ida] à automatização em pauta. Antes de respostas, eu gostaria de propor escutas conjuntas e pesquisas colaborativas, dentro de um certo espírito de investigação independente e consistente, que acredito seja uma de nossas funções na universidade pública.

BIBLIOGRAFIA

- Helsloot, N & Hak, T. *Pêcheux's Contribution to Discourse Analysis*. v. 8, n. 2, may. 2007. Disponível em : http://www.qualitative-research.net/fqs-texte/2-07/07-2-1-e.htm#footnoteanchor_25.
- Malidier, D. *L'inquietude du Discours*, Editions des Cendres, 1990. Disponível em : http://alufc.univ-fcomte.fr/pdfs/496/pdf_7.pdf.
- Pêcheux, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Ed. Unicamp, 1975/1995.
- Pêcheux, M. *Analyse automatique du discours*. Paris: Dunod, 1969.
- Russell, S J.; Norvig, P. *Artificial Intelligence: a modern approach*. 2.ed., Upper Saddle River, New Jersey: Prentice Hall, 2003.
- Saussure, F. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1995, 1913.
- Sheldrake, R. *A ressonância mórfica e a presença do passado*. Lisboa: Instituto Piaget, 1988.

³ Johannes Kepler foi um matemático alemão que descobriu a órbita elíptica dos planetas e publicou sua descoberta no livro *Astronomia Nova* em 1609.

Slack, J. M. A Bound on Synchronically Interpretable Structure. *Mind & Language*, 2004, 19:305–333. doi:10.1111/j.1468-0017.2004.00260.x.
Wanderley, C.M. A leitura do arquivo digital na Análise do Discurso. *Anais IV Jornada de Análise do Discurso na Ciência da Informação*, USP – Ribeirão Preto, 16 e 17 setembro de 2010. Disponível em: <<http://dcm.ffclrp.usp.br/jornadaad/?pagina=jad-trabalhos-pt>>.

Recebido em: 15/10/2012. Aprovado em: 20/11/2012